

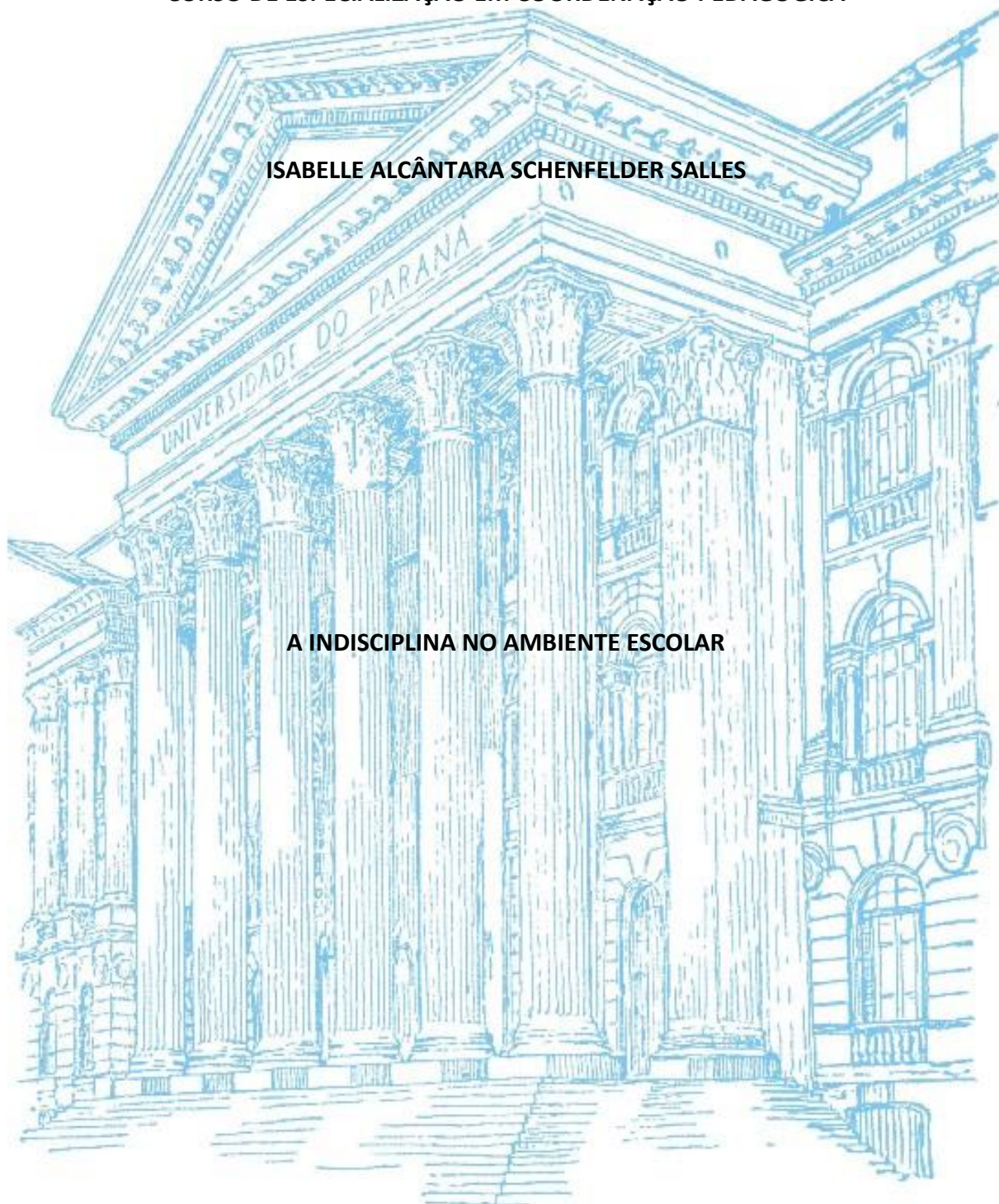
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**SETOR DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

**ISABELLE ALCÂNTARA SCHENFELDER SALLES**

**A INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR**



**CURITIBA**

**2014**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

**ISABELLE ALCÂNTARA SCHENFELDER SALLES**

**A INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Dr. Ademir Aparecido Pinhelli Mendes

**CURITIBA  
2014**

## A INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR

Autora: SALLES, Isabelle Alcantara Schenfelder<sup>1</sup>

Orientador: MENDES, Ademir Aparecido Pinhelli<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho buscou refletir sobre um tema muito recorrente no interior das escolas, a indisciplina. É um tema polêmico que desafia cotidianamente todos os envolvidos com a educação. Professores, pais e Poder Público sentem-se provocados a buscar alternativas para sanar as manifestações indisciplinadas na escola. Hoje, é considerada como um dos problemas centrais no interior da escola, dentre os quais é responsabilizada como principal fator prejudicial ao processo ensino-aprendizagem. Este estudo foi realizado através de pesquisa bibliográfica e observação em Escola da Rede Pública do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Discute possibilidades de como orientar os professores a reverem suas práticas, a mediar às situações indisciplinadas, a garantir qualidade das suas aulas e a escola a cumprir o seu papel, o de formar cidadãos críticos e reflexivos sobre o seu papel na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Indisciplina, Prática Pedagógica, Mediação Disciplinar, e Adolescência.

### INTRODUÇÃO

A escola vem passando por muitas mudanças nas últimas décadas, de imagem, de incumbências, de valores, e estruturas; e estas são reflexos das mudanças sociais. Todas as questões sociais interferem no processo pedagógico das escolas, violência, carências afetivas e financeiras, preconceito, desestrutura familiar, entre outros.

---

<sup>1</sup>Pedagoga. Professora da Rede Pública de Ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e alunas do curso de Especialização em Coordenação Pedagógica do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná em convênio com a Universidade Aberta do Brasil.

<sup>2</sup>Dr. em Educação. Professor pesquisador do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná em convênio com a Universidade Aberta do Brasil.

Entretanto, não devem ser consideradas como únicas vilãs neste processo. Se considerarmos apenas as questões sociais como razões singulares para as demonstrações de **indisciplina na escola**, estaremos desmerecendo o processo histórico de evolução da sociedade, e as relações sociais que passaram por mudanças ao longo dos tempos.

Para reconhecer as manifestações de indisciplina no interior da escola propusemos como **objetivo geral** investigar causas da indisciplina que são originadas dentro da escola. A este objetivo corresponde o **problema** a ser investigado: Onde podemos observá-la? O que ocasiona a indisciplina dentro da escola? O comportamento da família? O comportamento dos professores (e demais funcionários da escola)? O comportamento dos alunos? Quais são os meios adequados para mediar os casos de indisciplina na escola?

Nossa hipótese de pesquisa é que a indisciplina pode ter causas originadas no interior própria escola, como os encaminhamentos desinteressantes dados pelos professores às aulas, a dificuldade de alguns professores em trabalhar com esta fase do desenvolvimento humano e a falta de respeito entre os alunos.

Os **objetivos específicos** desta pesquisa são:

- a) Investigar o campo teórico conceitual do que se constitui a indisciplina na escola;
- b) Mensurar as causas da indisciplina na escola estudada, com base nos registros/ocorrências da Equipe Pedagógica Administrativa;
- c) Analisar os comportamentos que geram a indisciplina: em relação aos alunos e aos professores, e a Equipe Pedagógica Administrativa;
- d) Refletir sobre possíveis caminhos para amenizar as manifestações de indisciplina na escola.

O que justifica nossa pesquisa é que o problema da indisciplina é um fato recorrente no interior de muitas escolas brasileiras, que há muito é falado, mas que ainda se apresenta como um problema para as escolas, professores, famílias e governantes. Buscando investigar esta problemática este estudo foi realizado em uma escola do 6º ao 9º ano da Rede Pública de Ensino da cidade de Curitiba.

Há uma crença na população brasileira de que a educação pode curar o país. O relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância em 2000 indicou que “uma educação de qualidade tem o poder de transformar sociedades no espaço de

uma única geração” (UNICEF, 2000, p. 46) De fato, ela pode ajudar, mas sozinha não irá resolver os problemas sociais.

Ao ligarmos o noticiário, presenciamos uma enxurrada de notícias sobre fome, miséria, guerra, desvio de verba, criminalidade, entre outros; fatos esses que influenciam nas relações sociais e, conseqüentemente, no interior das escolas. A sociedade mudou, estamos vivendo em outro momento histórico social, e a escola deveria mudar com ela, mas presenciamos uma mudança morosa e tardia.

As mudanças sociais influenciam também na organização e constituição das famílias. Hoje muitas famílias não são baseadas nos modelos patriarcais. Crianças são criadas em outros moldes familiares como: criadas somente por um dos pais; ou pelos avós, ou filhos de relações homo afetivas, e mesmo por vizinhos, que em alguns casos, passam mais tempo com as crianças do que os pais.

Os responsáveis precisam trabalhar para o sustento da família e acabam por delegar a escola a responsabilidade de educar seus filhos. Contudo, educadores gritam no interior das escolas de que sua responsabilidade é a de ensinar - associando educar a valores e ensinar a conhecimento.

As questões sociais relatadas acima atreladas aos problemas pedagógicos das escolas incendeiam as manifestações de indisciplina no interior das escolas. Problemas estes que, na maioria dos casos, poderiam ser amenizados com posturas e encaminhamentos diferentes por professores, inspetores, pedagogos e direção das unidades escolares.

O educador e psicólogo La Taille descreve que o ensino hoje deve ter como base a motivação, “aprende-se e memoriza-se melhor aquilo que corresponde a um genuíno interesse” (LATAILLE, 2001, p. 19). Aulas desinteressantes fazem com que o aluno procure outros meios de passar o tempo, conversando, andando, se comportando diferente do que o professor deseja.

Quando se fala em indisciplina, inicialmente associa-se a um mau comportamento. No entanto, em muitos casos, o ato de transgredir regras para o jovem significa se afirmar; para estudiosos faz parte do processo de maturação. É uma fase do desenvolvimento humano em que os adolescentes procuram se autoafirmar, muitas vezes diante do grupo ao qual pertencem.

Na literatura há uma vasta exposição do tema, mas muitos professores confundem indisciplina com violência, bullying e até mesmo, com ato infracional. Atualmente, falar sobre indisciplina significa também entender o desenvolvimento

psicológico e emocional de crianças e adolescentes no Século XXI, levando em consideração a influência da tecnologia neste processo.

A **pesquisa empírica** ocorreu numa Escola Municipal de Curitiba. Em 2014 a média de matrícula foi de aproximadamente 1.600 alunos, com faixa etária de 3 a 16 anos, distribuídos em 57 turmas. São atendidos em média no período da manhã – 800 alunos e a tarde – 700 alunos.

O bairro da escola pesquisada fica entre as estradas federais BR 277, BR 376 e BR 476. Por esse motivo, é caracterizado como “Área da Tríplice Fuga”. Assim, a segurança é questão precária, visto que pessoas em conflito com a lei se instalam provisoriamente no bairro, de onde facilmente têm acesso às saídas da cidade. Este aspecto influencia no surgimento de ocupações irregulares nas proximidades da Escola.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola, a mesma é frequentada por sujeitos bem diversificados nos quesitos financeiros e comportamentais. Mais de 70% das famílias dos alunos são consideradas como baixa renda, pois são assistidos por programas sociais, tais como o Bolsa Família; cerca de 75% das famílias recebem este auxílio para auxiliar na manutenção dos filhos na escola.

Os alunos bem como suas famílias enfrentam os mais diversos problemas advindos da precariedade financeira e estrutural, fatos estes que refletem no interior da escola. Alguns alunos se deparam com situações de: precariedade de alimentos e de higiene; influência de infratores em suas vidas; contato com substâncias entorpecentes (drogas); facilidade no acesso a objetos furtados, como celulares; há os que participam de pequenos furtos; há alunos em regime de acolhimento institucional (abrigos); entre outros.

Boa parte dos responsáveis por estas crianças e jovens acabam pedindo ajuda à escola, colocando assim os profissionais da escola em situações delicadas, pois muitos também apresentam dificuldades em lidar com estas situações.

Outra questão observada é que alguns profissionais relataram que os alunos não podem levar seus problemas de casa para a escola

Há profissionais que pouco entendem do assunto e tendem a encarar tudo como indisciplina e falta de respeito. Se pedirmos para que os professores e funcionários da escola descrevam o que é indisciplina para eles, dirão: “os alunos não têm limites; são mal comportados; fazem bagunça e tumultuam as aulas; não querem nada com nada; não respeitam nada nem ninguém, nem autoridade nem o

patrimônio (público ou do outro); não tem interesse em aprender; que as famílias são omissas e não educam os filhos; entre outros”.

Boa parte da indisciplina no interior da escola é consequência das questões sociais e do direcionamento das aulas. Nas questões sociais pouco a escola pode ajudar, pois os poderes públicos deveriam direcionar as políticas públicas para as causas dos problemas e não as consequências.

Assim como as famílias, os professores também encontram dificuldade em lidar com os problemas na sala de aula e precisam de ajuda, com cursos, formações e orientações por parte da equipe pedagógica da escola.

Para buscar ajuda aos professores e funcionários, a presente pesquisa observou durante os meses de fevereiro, março e abril os atendimentos prestados pelos mediadores escolares e pedagogas, bem como foi assistido aulas em algumas turmas. Essas turmas foram escolhidas através da descrição dos professores e funcionários como as mais problemáticas.

A **abordagem metodológica** desta pesquisa deu-se como observação participante, quando o pesquisador está inserido na situação a ser investigada. Observando o comportamento das pessoas, analisando os detalhes teóricos e práticos do ambiente e das relações nele estabelecidos.

A pesquisa teve como ponto de partida a reclamação dos professores sobre alunos indisciplinados e que já estavam acostumados a ser encaminhados aos mediadores escolares e setor pedagógico.

O mediador escolar nesta instituição tem o objetivo de trabalhar, e como o nome bem diz mediar às questões comportamentais e disciplinares dos alunos da escola. Isto para que as pedagogas possam especificamente focar seu trabalho nas questões pedagógicas.

Todavia, cabe ressaltar que, as questões disciplinares estão diretamente ligadas as questões pedagógicas e, por conseguinte as pedagogas devem estar a frente dessas questões. Uma situação está atrelada a outra, pois como já descrito anteriormente, um dos problemas causadores da indisciplina é o encaminhamento metodológico mau dado a aula, a pedagoga deve estar a par dos acontecimentos.

O presente trabalho teve como **instrumento de pesquisa** as anotações posteriores à observação, em que foram analisadas as situações de indisciplina, percebendo os pontos positivos e negativos dos encaminhamentos da escola.

Viana explicita que “na observação, é interessante para a análise estabelecer-se uma relação entre teoria e dados, sem engessar os dados pela teoria. A observação, no contexto de uma pesquisa, visa, no caso, a gerar novos conhecimentos e não a confirmar, necessariamente, teorias” (VIANA, 2003, p.98). Isto demonstra o quanto a pesquisa deve ser dinâmica, favorecer a produção de conhecimento e transpô-la em prática.

Foram observados os Mediadores Disciplinares da escola e os envolvidos diretamente em seu trabalho. Esta técnica de pesquisa consiste em examinar atentamente todas as nuances do objeto de estudo, em especial os detalhes pontuais de como os mediadores administram e atendem as situações de conflito: como ouvem os relatos dos envolvidos, o que falam, que entonação utilizam, que encaminhamentos prestam, como registram as ocorrências, e de que forma fazem o repasse para os outros sujeitos (pedagogas, direção e pais).

Nestas observações o pesquisador foi parte integrante do ambiente, anotando as informações ao final do atendimento prestado. Conforme Viana explicita, de que “as observações de campo são em geral semiestruturadas, têm lugar em um contexto natural e, na maioria das vezes, não procuram dados quantificáveis, que apenas eventualmente são coletados” (VIANA, 2003, p.21). No entanto, vale ressaltar que as observações devem ser pré-planejadas, delimitando o caminho a ser seguido, para não se perder o foco no caminho e desqualificá-la cientificamente.

Outro instrumento utilizado na execução do presente trabalho foi a consulta a documentos, com pesquisas nos documentos que a escola possui acerca dos incidentes disciplinares de período observado (dos Mediadores Disciplinar, Inspetores, Setor Pedagógico e Direção), bem como os documentos formais (Projeto Político Pedagógico e Regimento Escolar) que a escola possui e articulam sobre as questões disciplinares.

Consultas a este tipo de documento são classificadas como fontes primárias e secundárias; primárias por se tratarem de registros e informações próprias da escola não sendo possível encontrar em outras fontes (como os registros que o mediador faz acerca das ocorrências e dos encaminhamentos prestados); e secundárias por se tratarem de documentos oficiais que basearam a sua elaboração em outras fontes oficiais, por exemplo, o Projeto Político Pedagógico (PPP) e o Regimento Escolar que na sua elaboração utilizaram e respeitaram o que a



legislação vigente dispõe sobre as especificidades no interior das escolas (Constituição Federal, Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei de Diretrizes e Bases Educacionais, Diretrizes Municipais de Educação da Secretaria Municipal e Estadual de Educação, entre outros).

A análise documental deve ser dirigida, sabendo-se claramente o que irá pesquisar, para não incorrer ao erro de ser influenciado pelo fervor dos acontecimentos ou julgar os fatos apenas por documentos sem respeitar a dinâmica do ambiente escolar.

A interpretação que o pesquisador deve fazer tanto nas observações quanto na análise documental deve ser neutra, imparcial, sem deixar evidenciar suas próprias convicções acerca do assunto.

O Mediador Escolar é a primeira pessoa direta a atender os casos de indisciplina na escola, ele faz a triagem sobre as razões pelas quais o aluno foi encaminhado a ele e deve repassar todas as informações prontamente as pedagogas, mas o que pude perceber é que essas informações, em algumas situações, deveriam ser mais rapidamente repassadas dadas a gravidade de alguns fatos. Bem como, as pedagogas devem procurá-lo em maior número para obter informações acerca dos alunos atendidos.

As observações se fizeram um importante atributo da pesquisa de campo, onde pode se observar e interpretar as ações humanas. Entendendo que a interpretação e análise são uma das principais linhas da pesquisa, pode-se afirmar que a técnica utilizada nesta pesquisa foi a interpretativa.

Vale ressaltar ainda que, as interpretações realizadas nesta ou em outra pesquisa deve focar-se nos fatos científicos, mesmo levando em consideração a subjetividade na análise do pesquisador e dos pesquisados. Neste sentido, Haguette explicita:

“O grande desafio é saber trabalhar o envolvimento e a subjetividade, mantendo o necessário distanciamento que requer um trabalho científico. Distanciamento que não é sinônimo de neutralidade, mas que preserva o rigor” (HAGUETTE, 1987, p. 48)

Outro ponto fundamental para a pesquisa científica, é que o pesquisador deve se desprender de pré-conceitos que possua acerca do assunto, para que o seu trabalho seja considerado cientificamente.

Dando continuidade ao trabalho, foram analisados os registros que os mediadores escolares possuem dos incidentes disciplinares do período da pesquisa e observados os atendimentos prestados nas situações.

## 1 INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR

A educação contemporânea vem manifestando situações no interior das escolas que fazem com que os profissionais da educação questionem sua formação, a participação das famílias e a função social da escola.

As demonstrações de indisciplina na escola são decorrentes da interação entre a família-escola-sociedade, bem como da violência instaurada nesta última. Inúmeros atos de indisciplina que acontecem no espaço escolar são representações do que está posto em nossa sociedade, bem como historicamente construídos.

São acontecimentos sociais que interferem no processo pedagógico das escolas, tais como violência, carências afetivas e financeiras, preconceito, desestrutura familiar, entre outros.

Ao ligarmos o noticiário, presenciamos uma enxurrada de notícias sobre fome, miséria, guerras, desvios de verbas, criminalidade, entre outros; fatos esses que influenciam nas relações sociais e, conseqüentemente, no interior das escolas. A sociedade mudou, estamos vivendo em outro momento histórico social, e a escola deveria mudar com ela, mas presenciamos uma mudança morosa e tardia, conforme reportagem da revista Nova Escola:

O instrumento de avaliação mais recente, colocado à disposição dos gestores municipais desde abril de 2008, é a Provinha Brasil, a ser aplicada no início e no fim do 2º ano, quando todas as crianças deveriam estar alfabetizadas. Como se vê, o acesso à escola é só uma parte da solução. **O país precisa apertar o passo rumo à qualidade.** Se o aluno não a encontra, perde o interesse. Mas, se aprende de verdade, impacta a família e a comunidade, dando início a um esperado e necessário ciclo virtuoso. (NOVA ESCOLA, Jan/Fev.2011) **(grifos)**

As questões sociais relatadas acima atreladas aos problemas pedagógicos das escolas incendeiam as manifestações de indisciplina no interior das escolas. E ainda mais grave, é o comodismo com o qual a sociedade trata essas situações de violência, pois demonstram já terem se acostumado com tais incidentes e passam a

ver o fato com naturalidade, como um acontecimento “natural” no interior das escolas.

No entanto, faz-se necessário ressaltar a família também é vítima de uma sociedade injusta e violenta, e que as ações dos pais são uma extensão dessa. A mesma ação histórico-social que desestabilizou a sociedade, as instituições, a escola, desestabilizou também as famílias.

Entretanto, para os que lidam com essas situações diariamente, nada disso é normal ou natural. Professores, inspetores, funcionários, alunos e familiares, sentem-se coagidos perante as demonstrações de violência e suas consequências.

As mudanças sociais influenciam também na organização e constituição das famílias. Hoje muitas famílias não são baseadas nos modelos patriarcais. Crianças são criadas em outros moldes familiares como: criadas somente por um dos pais; ou pelos avós, ou filhos de relações homo afetivas, e mesmo por cuidadores (vizinhos, ou outros familiares) que em alguns casos, passam mais tempo com as crianças do que os pais.

A família tem papel fundamental na formação do sujeito, pois a consequência das ações familiares reflete inteiramente no processo da educação sistematizada e ofertada pela escola.

Neste sentido, é fundamental que a família e a escola andem juntas, dividam as responsabilidades e estejam em harmonia buscando um bem comum, o desempenho acadêmico satisfatório dos alunos. Quando um dos lados não cumpre seu papel sobrecarrega o outro lado, e temos percebido isso cotidianamente na escola. As famílias se eximem de suas responsabilidades sobrecarregando a escola, que para poder transmitir o saber sistematizado necessita, antes de mais nada, ensinar sobre comportamento humano, valores, respeito, entre outros.

O professor entra em sala de aula, e precisa antes de transmitir o conteúdo - a aula que preparou, precisa falar com os alunos sobre respeito (respeitar o diferente, o mais velho, as regras, etc.). Fato esse visivelmente percebido dentro das salas de aula da escola pesquisada e nos registros dos atendimentos dos Mediadores Escolar.

Os responsáveis precisam trabalhar para o sustento da família e acabam por delegar a escola a responsabilidade de educar seus filhos. Neste sentido, Vasconcellos explica sobre a inversão de valores que podemos perceber na atualidade:

“Percebemos muitas famílias desestruturadas, desorientadas, com hierarquia de valores invertida em relação à escola, transferindo responsabilidades suas para a escola[...] a família não está cumprindo sua tarefa de fazer a iniciação civilizatória: estabelecer limites, desenvolver hábitos básicos”. (VASCONCELLOS, 1998, p.22).

Atualmente, quando refletimos sobre o desenvolvimento educacional de crianças e jovens notamos que, independente das condições socioeconômicas das famílias, essas não tem dividido com a escola a função do educar.

As crianças necessitam do acompanhamento dos pais nas atividades dentro e fora da escola. O ato de participar do “fazer lição de casa” e fiscalizar o que os jovens estão fazendo são sumariamente importantes no desenvolvimento educacional e emocional dos alunos.

Os responsáveis ficam muito tempo fora de casa trabalhando e os filhos passam esse tempo sozinho, com exceção das crianças com pouca idade, até por volta dos oito anos de idade.

Tal fato na maioria das vezes acaba gerando outras situações: filhos que ficam maior parte do tempo na rua “brincando”; acessando conteúdos no computador, celular ou *lan-house* indevidos e impróprios; e tendo contato com outras pessoas que os pais não conseguem fiscalizar. Ainda, as crianças precisam ser assistidas constantemente pelos pais, pois além do já citado, constantemente vemos nos noticiários e no interior da escola situações em que crianças e jovens são assediadas ou abusadas sexualmente. As crianças e adolescentes são sujeitos em processo de maturação, emocionalmente e intelectualmente, e os adultos que estão ao seu redor são os responsáveis por “zelar pela integridade física e moral das crianças e adolescentes”, conforme dispõe Lei 8069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente em seu Art. 3º:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Dentre o fato de fiscalizar para assegurar a integridade da criança, os pais necessitam educar os filhos para o respeito às regras. Ressaltando que estas foram criadas para um bom convívio comum/social. Corriqueiramente ouvimos pessoas

falarem “a criança ou estes alunos não têm mais limite”, “não respeitam nada nem ninguém”. Fato este muito observado no interior das escolas. Porém, todos os adultos ao redor da criança devem lhes ensinar a ter limites, a respeitar o próximo, educar para cidadania.

Inicialmente, espera-se que a família ensine a criança a respeitar o próximo, a saber esperar, a lidar com a frustração, contrabalancear entre a frustração e o prazer é de fundamental importância para a formação do sujeito. Vemos alunos infringindo regras sem limites na ânsia de satisfazer as suas vontades. É com tenacidade que os pais ensinam aos filhos a necessidade de ponderar entre o prazer e a frustração, independente da condição econômica. Observamos na escola, pais que sobrevivem com um salário mínimo, mas satisfazem todas as vontades da criança, com *videogame*, brinquedos, tênis de tal marca, etc.

Podemos afirmar que esses ensinamentos estão diretamente ligados a dificuldade que muitos alunos têm em respeitar limites, de regras ou do outro, pois apresentam um movimento interior de autossatisfação, de que a sua vontade tem de prevalecer.

Neste sentido, Zagury especifica que “dar limites aos filhos é iniciar o processo de compreensão do outro. [...] Ninguém pode respeitar seus semelhantes se não aprender quais são os seus limites”. (ZAGURY, 2001, p.17)

Há bastante tempo temos ouvido professores, funcionários, cidadãos, pais e responsáveis falarem que os alunos estão sem limites, indisciplinados, violentos, demonstrando na escola os problemas da violência social e causando um desequilíbrio nas relações professor-aluno, aluno-aluno, filhos-pais, escola-sociedade.

No processo histórico da educação, a escola vem buscando alcançar sua meta de proporcionar “a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber” (SAVIANI, 2005, p. 14).

Na tentativa de transmitir o saber sistematizado, a escola vem tentando assegurar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, assumindo perante a sociedade o papel de educar e preparar o aluno para o convívio social.

Fazendo uma retrospectiva histórica, antes de assegurar a qualidade da educação o objetivo foi o de assegurar o próprio direito à educação das crianças e adolescentes. A criança até poucas décadas atrás era considerada um mini adulto



não havendo uma legislação específica a essa faixa etária. Na década de 30 criou-se o Primeiro Código de Menores; em 1959 na Convenção de Genebra criou-se a Declaração Universal dos Direitos da Criança; em 1979 reformulou-se o Código de Menores; em 1988 a Constituição Federal assegurou os direitos de todos os cidadãos, e em especial as crianças e adolescentes; em 1990 criou-se o ECA –que dispõe sobre os direitos das crianças e adolescentes e a obrigação da sociedade no geral de assegurar estes direitos.

De um modo geral, a população brasileira por falta de conhecimentos acerca desta última, faz uma interpretação equivocada da lei, crendo que o ECA direcionou apenas direitos as crianças e adolescentes. Visão esta erroneamente formulada, pois nenhuma lei, a nível federal, estadual ou municipal, pode impingir direitos a alguém que infrinjam outra lei ou o direito de terceiros. Na verdade, o problema não está no texto da lei, mas na sua execução, na aplicabilidade e na estrutura que o poder público não dispõe para assegurar o respeito a legislação vigente. Este é um assunto que divide opiniões, há, por exemplo, os que defendem e os que recriminam a redução da maioria penal.

Cabe aqui ressaltar que, muitos profissionais da educação, confundem manifestações de indisciplina no interior da escola com ato infracional. Vejamos o que a lei explicita: Art. 103. Considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal. (ECA, 1990)

Quando se fala em indisciplina, inicialmente associa-se a um mau comportamento que compromete a convivência social, ou “rebeldia, desobediência e insubordinação” (BUENO, 2007, P. 432). No entanto, em muitos casos, o ato de transgredir regras para o jovem significa se afirmar; para estudiosos faz parte do processo de maturação. É uma fase do desenvolvimento humano em que os adolescentes procuram se auto afirmar, muitas vezes diante do grupo ao qual pertencem.

Para o educador e psicólogo La Taille “se entendermos por disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de duas formas: 1) a revolta contra estas normas; 2) o desconhecimento delas”. (1996, p. 10)

A indisciplina escolar é entendida como a transgressão de regras estabelecidas pela escola e demais legislações vigentes. A aprendizagem precisa

que haja disciplina para acontecer de maneira pacífica e eficiente. A disciplina pode equivaler a comportamentos tolerantes e de aceitação ao próximo.

Desta forma, Aquino complementa:

A indisciplina seria, talvez, o inimigo número um do educador atual, cujo manejo as correntes teóricas não conseguiriam propor de imediato, uma vez que se trata de algo que ultrapasse o âmbito estritamente didático-pedagógico, imprevisto ou até insuspeito no ideário das diferentes teorias pedagógicas (AQUINO, 1996, p.40)

Atualmente, falar sobre indisciplina significa também entender o desenvolvimento psicológico e emocional de crianças e adolescentes no Século XXI, levando em consideração a influência da tecnologia neste processo.

Para Vasconcellos:

Sem autoridade não se faz educação; o aluno precisa dela, seja para se orientar, seja para poder opor-se (o conflito com a autoridade é normal, especialmente no adolescente), no processo de constituição de sua personalidade. O que se critica é o autoritarismo, que é a negação da verdadeira autoridade, pois se baseia na coisificação, na domesticação do outro (1998, p. 248).

Para La Taille compete a escola a “preparação para o exercício da cidadania” (1996, p.23). E para que isso ocorra, é preciso conhecimento, respeito pelo espaço público, regras de relacionamentos e conversa aberta embasada em comportamentos éticos.

Eis um ponto muito importante de ser ressaltado, o comportamento ético - este compreendido como um comportamento respeitoso. Podemos afirmar que a criança aprende pelo exemplo, mas e o adolescente não se baseia nessa ação durante a sua aprendizagem? Sim. O jovem também aprende a ter um comportamento respeitoso quando sente esta forma de comportamento direcionada a ele, ou seja, o aluno que sente que é respeitado enquanto ser pelos adultos que estão ao seu redor, dispensa o mesmo comportamento que lhe dão. Exceto em casos que os alunos são diagnosticados com algum distúrbio ou síndromes, como por exemplo, pessoa portadora de TOD (Transtorno Opositor Desafiador); que nestes casos a escola e o professor devem ter uma metodologia diferenciada dispensada a estes alunos.

Há a necessidade de se desmistificar para alunos e professores que disciplina significa submissão. Disciplina significa autocontrole, controlar seus

impulsos. Ensino este que o sujeito mais cedo ou mais tarde terá que apreender, pois quando em sua vida adulta, não poderá fazer “o que lhe der na telha” quando quiser, necessitará conviver bem em sociedade. Esse é um ensinamento que os jovens irão aperfeiçoando durante seu processo de formação.

Como já explanado indisciplina significa transgredir regras socialmente criadas para o bem comum. Percebemos dois problemas gritantes na escola: um que a indisciplina atrapalha demasiadamente o processo de aprendizagem dos alunos, e o outro é a dificuldade dos profissionais da escola de entender sobre a adolescência na atualidade e como trabalhar com ela.

Para muitos profissionais da educação, a indisciplina se resume a obediência aos adultos (pais, responsáveis, professores, inspetores, pedagogas, entre outros) e as regras, mas temos que lembrar que faz parte do processo deles de maturação questionar as regras e, principalmente, aquelas que julgam incoerentes ou não foram por eles estabelecidas.

Outro fator de suma importância em relação a disciplina em sala de aula é o encaminhamento que o professor dá as suas aulas. La Taille descreve que o ensino hoje deve ter como base a motivação, “aprende-se e memoriza-se melhor aquilo que corresponde a um genuíno interesse” (LATAILLE, 2001, p. 19). Aulas desinteressantes fazem com que o aluno procure outros meios de passar o tempo, conversando, andando, se comportando diferente do que o professor deseja.

A sociedade mudou, os métodos de ensino também mudaram, mas não no mesmo ritmo das mudanças sociais e das mudanças no comportamento dos jovens. As relações sociais são dinâmicas, estão constantemente em transformação, mas as mudanças no âmbito educacional não acompanham o mesmo ritmo.

Dificuldades na relação professor/aluno, aula descontextualizada e falta de autoridade do professor são fatores que também geram indisciplina durante a prática pedagógica.

Todavia, professores mudaram suas metodologias, suas concepções de ensino, hoje reconhecem que o aluno é fruto do meio que está inserido e este fato deve ser pensado no momento de planejar suas aulas. Contudo, ainda encontram dificuldade em inserir os conteúdos escolares nos contextos dos alunos, bem como tornar seus encaminhamentos atraentes para os mesmos.

Analisar sobre como agir frente as situações de indisciplina hoje em dia é suma importância para repensarmos nossa prática pedagógica em sala. Torna-se

fundamental na procura da sistematização do conhecimento, a disciplina passa a ser o foco, pois a aprendizagem necessita de normas e regras para ser assegurada.

Cabe a nós educadores pensarmos na indisciplina como um desafio, como algo a ser superado, através do diálogo, ouvir as outras gerações, pensar coletivamente, definir estratégias de lidar com tais comportamentos.

E ainda, oferecer aulas prazerosas, com uma proposta pedagógica bem definida e coerente com a realidade dos alunos favorece a aprendizagem e o fortalecimento dos princípios de equidade e responsabilidade inerentes ao conceito de cidadania.

## **2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA**

Ao observamos algumas aulas na escola pesquisada com turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, conseguimos identificar como sendo três os problemas principais: encaminhamentos desinteressantes das aulas; dificuldade de alguns professores em trabalhar com esta fase do desenvolvimento humano; a falta de respeito ao outro.

### **a) Encaminhamentos desinteressantes das aulas**

Foram assistidas algumas aulas em turmas dos anos citados e dentre os itens observados, pudemos perceber professores com posturas e encaminhamentos incoerentes. Professores utilizando o autoritarismo para manter a ordem em sala: com ameaças de punições – de que seriam encaminhados ao Mediador Disciplinar e a Direção, de notas baixas e reprovações, de envio ao Conselho Tutelar e ao Ministério Público. Passando atividades descontextualizadas, textos enormes para fazer os alunos copiarem, equações assombrosas, discriminando e recriminando os que não agem de acordo com os seus conceitos, excluindo aqueles que não atingem suas expectativas (os considerados “fraquinhos”), entre outros.

Há professores que, ou por falta de comprometimento ou por insegurança, não se empenham em lidar com determinadas situações em sala inerentes a fase em que estes jovens se encontram.

Vejamos duas situações observadas:

Na segunda quinzena de abril a mãe de uma aluna foi chamada até a escola para conversar com a professora de Matemática e o Mediador Disciplinar. Conforme registro que segue:

[...] a mãe da aluna está presente e fica ciente que a aluna às vezes é muito exaltada em sala e fica nervosa quando a professora de matemática cobra as atividades não executadas, a professora não sabe da situação anterior da aluna e terá uma reunião com a pedagoga para que seja relatada a situação desta aluna em particular. A aluna deve parar de se envolver em questões indisciplinadas com seus colegas em sala de aula e suas notas devem melhorar muito, pois se continuar assim seu rendimento será prejudicado. A mãe relata que fica difícil de ensinar a filha em alguns momentos porque ela não sabe muito sobre a matéria. Fica acordado em reunião a necessidade de colocar a aluna no reforço de matemática e será vista essa possibilidade com a pedagoga da aluna. Qualquer outro problema a mãe deve procurar a escola ou a aluna deve avisar os Mediadores Escolares.

O registro acima, passados dois meses de aula, nos remete a duas situações: a professora ainda não se informou sobre a situação da aluna? E a pedagoga ainda não repassou as informações inerentes à vida escolar da aluna em questão a professora? Duas falhas que não podem acontecer dentro da escola, pois isso favorece ou prejudica a aprendizagem. Conforme o próprio registro demonstrou, a aluna apresenta um comportamento inadequado quando cobrada sobre as atividades que não realizou. Se a professora já possuísse conhecimento sobre os encaminhamentos que a aluna necessita, teria planejado aulas que a incluíssem e não o contrário.

Portanto, quando o aluno percebe dificuldades em aprender um determinado conteúdo, inicia um processo de perda de confiança em sua competência, causando problemas em sua autoestima. Não acreditando em seu potencial, o aluno acaba se desmotivando e começa a procurar outros meios de se satisfazer na escola, o que certamente ocasionará a indisciplina. Trabalhar os conteúdos de maneira crítica é de suma importância tanto para ocasionar interesse no aluno quanto para impedir a indisciplina, como também para educar sujeitos conscientes.

Percebemos na escola, que independente da série/ano, a maioria dos alunos no início do ano letivo testam a autoridade do professor, para identificar até onde vai o limite deles e a própria autoridade do professor.

Um professor de matemática estava passando por esta situação no início do ano (nos meses de fevereiro e março) os alunos estavam testando sua autoridade, sendo agitados, “indisciplinados”. O professor relatou à Direção da escola que não aguentava mais esta situação e de que tomaria outra postura. Informou aos alunos



de que as coisas iriam ser diferente dali por diante. E assim o fez. A partir dali, entrava em sala, preenchia o quadro de matéria, sentava na sua mesa e ali ficava até o final da aula. Os alunos passaram a reclamar da situação no setor pedagógico, “o professor X não explica a matéria, enche o quadro de lição e não explica nada, fica esperando a gente fazer a lição só para corrigir e ainda tira sarro da gente quando a gente erra. Que tipo de professor é esse, ele está lá para ensinar”. A pedagoga perguntou aos alunos se o professor sempre agiu assim, e os mesmos informaram “no começo do ano ele até explicava a matéria, mas tinha gente que só ficava fazendo bagunça, conversando, daí ele surtou e falou que já que a gente não tava a fim de aprender, ele só ia ensinar pra quem quer aprender; e começou a fazer isso. É, mas não é justo com quem não ficava conversando que agora tá pagando junto com os outros”.

A pedagoga e a Direção informaram aos alunos que iriam conversar com o professor e esclarecer os fatos. Porém, começou o recesso da Copa do Mundo e a situação ainda não foi resolvida.

Os alunos aparentam não reconhecer a importância do processo educativo para suas vidas, e os ouvimos fazer alguns comentários do tipo “pra quê que eu preciso saber fórmula de Bhaskara, vou usar onde?” Os conteúdos passados e os encaminhamentos metodológicos empregados muitas vezes não combinam com os anseios e a realidade dos alunos, ou seja, não vêem sentido em estudar tais conteúdos que não apresentam significado para sua vida habitual. E a maneira como são repassados amplia ainda mais esse desinteresse, pois os conteúdos, com raras ressalvas, são transmitidos de forma fragmentada e desvinculados de suas realidades.

A escola necessita, além de tornar suas aulas mais atraentes, deve também formar os alunos para a vida adulta, para conviver em sociedade e exercer a cidadania. Orientando os alunos quanto a comportamento e valores sociais, tais como respeito ao próximo, respeito às regras e normas, responsabilidade e empenho, entre outros. Neste sentido, Vasconcellos coloca:

O trabalho da escola tem uma repercussão muito maior também: não se trata simplesmente de transmitir determinados conteúdos socialmente acumulados pela humanidade: trata-se, além disso, de inserir o sujeito no processo civilizatório, bem como na sua necessária transformação tendo em vista o bem comum (VASCONCELLOS, 1998, p. 33).

Articular com os alunos os comportamentos que eles deverão aprender ao longo da sua jornada escolar e que necessitarão demonstrar em sua vida adulta para se manter no mercado de trabalho. Contudo, esta articulação só será possível com aulas contextualizadas e coerentes com a realidade dos educandos.

Para Vasconcellos, "os educadores devem se comprometer com o processo de transformação da realidade, alimentando um projeto comum de escola e de sociedade" (1998, p.53).

Portanto, o professor precisa diversificar os encaminhamentos metodológicos, inovar, usar a criatividade, utilizar recursos tecnológicos, estreitar vínculos, demonstrar que gosta do que faz, motivar os alunos, instigar a curiosidade dos alunos, realizar atividades que fortaleçam os valores éticos e morais, planejar aulas atraentes, e aulas que favoreçam os três canais de aprendizagem: visual, auditivo e sinestésico.

- b) Dificuldade de alguns professores em trabalhar com esta fase do desenvolvimento humano.

Outro problema identificado neste estudo na escola analisada é quanto à dificuldade de alguns profissionais em lidar com essa faixa etária. Basicamente, a adolescência é a fase de transição que todo sujeito passa em seu processo de amadurecimento; é a fase dos conflitos internos e externos; internos, pois são resultados de movimentos de autonomia, libertação, independência, autoafirmação, conflitos, entre outros; e externo porque estão se descobrindo internamente e questionam o que os adultos ao seu redor lhes dizem para fazer. A adolescência é um acontecimento psicológico e social. É um momento dramático da vida em que o sujeito se depara com a necessidade de romper com estigmas e padrões de comportamento da infância, onde muda o corpo, a identidade e a relação com os pais. Sente a necessidade de descobrir quem é e, acaba por procurar segurança em seus pares (amigos, grupo, turma). É a fase do turbilhão de emoções e oscilação constante de temperamento e comportamento.

Vejamos duas situações observadas, pertinentes a adolescência:

Exemplo 01:

A professora entra em sala e solicita aos alunos que entreguem o trabalho que havia passado para casa; e o aluno que esqueceu fala alto "puta que pariu"

(porque esqueceu); e é retirado de sala por ter falado palavrão. Seria de fato razão para tê-lo tirado de sala?

Professores retirando alunos de sala por amenidades fazem com que o mesmo vá perdendo a autoridade perante a turma. O professor que reconhece as características inerentes à adolescência consegue lidar e mediar inúmeras situações em sala de aula. Diferente de algumas situações observadas em que alunos que falaram palavrão em sala foram retirados pela professora; se esta reconhecesse que aquele era um movimento de autoafirmação perante o grupo e não de afronta a ela, poderia ter mediado de outra forma.

#### Exemplo 02:

Entre uma aula e outra, troca de professoras, os alunos começaram a conversar sobre sexo (algo muito natural para a idade) e uma determinada professora entrou em sala e flagrou um aluno abraçado a um armário fazendo a menção de que estaria realizando o ato sexual com movimentos de sua pélvis, a professora mandou o aluno se retirar da sala e preencheu um encaminhamento ao Mediador Escolar relatando que “o aluno estava fazendo gestos obscenos em sala”. Tal fato gerou uma revolta em outros alunos da sala que passaram a aula toda falando sobre sexo e não deixaram-na dar sua aula, passar seu conteúdo. Uma situação que poderia ter sido evitada se a professora tivesse tomado outra postura: ela poderia dizer que aquele não era o momento para aquilo; mandar o aluno sentar-se; ou outra ação, mas quando ela retirou o aluno de sala acabou por dar foco ao comportamento e chamar a atenção dos outros alunos para o comportamento que repudiou, fazendo com que os alunos se unissem contra ela.

Os professores devem tomar cuidado ao chamar a atenção dos alunos para não se indispor, pois na maioria das situações, podemos perceber que os alunos se unem contra o adulto. Esse é um movimento natural entre os grupos, vemos isso ocorrer entre Direção de escola e professores, entre palestrante e plateia, etc.

Ressaltando que, o professor deve estar atento as situações e não permitir fatos que ultrapassem a linha do respeito a si e ao próximo. Os alunos sentem a necessidade de se expressar, de serem ouvidos, de se sentirem integrados aquele grupo, e cabe ao professor mediar as situações em sala de aula, garantindo o respeito as normas, as diferenças, e demonstrando também respeito pelos alunos e pelo que está fazendo.

Desta forma, Vasconcellos explica:

Ter respeito com os alunos é uma das necessidades da postura de um professor consciente. Deve também exigir respeito dos alunos para com os colegas e para consigo. O professor não pode exigir que o aluno goste dele ou dos colegas, mas o respeito ele pode exigir. No caso de ser desrespeitado, restabelecer os limites (não entrar no círculo vicioso do desrespeito) (2004, p. 93).

Esse é um discurso constantemente ouvido no interior da escola, os alunos já o conhecem “decor”, de que ninguém é obrigado a gostar de ninguém, mas que todos são obrigados a respeitar o outro, professores, funcionários, alunos ou pessoas externas à escola. E ainda, a criança e o adolescente aprendem pelo exemplo, quando percebem que são acolhidos e respeitados na escola, eles devolvem o mesmo comportamento.

Um ponto observado e de extrema importância ao trabalho pedagógico no interior da escola é quanto o papel do pedagogo nestas situações relatadas. Pode-se notar a pouca interferência realizada pelo setor pedagógico nos encaminhamentos dos professores na sala de aula. É visível a insegurança das pedagogas no momento de orientar o trabalho do professor, sentem-se inseguras por não dominar o conteúdo e acabam, em muitos casos, pouco interferindo no encaminhamento metodológico das aulas. Assim falhando em parte da sua função de articular o trabalho pedagógico.

Desta forma, cabe ressaltar a necessidade de existir formações para as pedagogas sobre as especificidades do trabalho com alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

c) A falta de respeito ao outro.

O respeito para consigo e para com o outro é uma das atitudes imprescindíveis na vida dos seres humanos, bem como nas relações estabelecidas socialmente. O respeito ao outro evita que o sujeito tenha um comportamento reprovável em relação ao outro.

O respeito recíproco representa uma das maneiras básicas e essenciais para uma convivência saudável, pois quem quer ser respeitado dispensa respeito ao outro. Deve ser a essência da relação professor-aluno. Porém, percebemos que ao professor tomar posturas inadequadas em sala ele não está respeitando o ser em

formação e que cabe a ele favorecer esta formação. Independentemente da idade, criança ou adolescente, o aluno aprende pelo exemplo.

Um fato notado quanto a falta de respeito em sala e na escola é o conhecido como bullying. Até pouco tempo atrás, esse fato era considerado como normal nas relações entre os adolescentes. O ato de colocar apelidos e xingar era considerado natural, ainda há os que assim o considerem. Todavia, hoje, é considerado como contravenção penal/crime.

São ocorrências cotidianas na escola, podemos observar pelos registros que o Mediador Disciplinar possui acerca do assunto. Num atendimento do Mediador com os pais/responsáveis, foi realizado o seguinte registro: “o aluno com mais colegas vem cometendo bullying contra um colega de sala. O aluno em questão tem manchas na pele devido a um problema cutâneo e por outros motivos injustificados o aluno vem recebendo apelidos e xingamentos. Os alunos foram orientados e ficam cientes que bullying é crime e tal situação pode ser encaminhada para os órgãos competentes. O Mediador Disciplinar espera que depois desta conversa os problemas cessem e o aluno pare de ser molestado pelo aluno citado. Os pais e os alunos se comprometem em melhorar e não repetir mais esses atos”.

É um fato recorrente no interior das escolas e muito prejudicial ao processo de aprendizagem dos alunos, pois debilita o sujeito emocionalmente. Neste sentido, Fante explicita:

São inúmeras as formas de violência velada que enfrentam muitos de nossos alunos, dentre elas humilhações, gozações, ameaças, imputação de apelidos constrangedores, chantagens, intimidações. Na maioria das vezes as vítimas sofrem caladas por vergonha de se exporem ou por medo de represálias dos seus agressores, tornando-se reféns de emoções traumáticas destrutivas, como medo, insegurança, raiva, pensamentos de vingança e de suicídio, além de fobias sociais e outras reações que impedem seu bom desenvolvimento escolar (2005, p. 16).

Um recorrente discurso na escola para os alunos é que eles “não são obrigados a gostar de ninguém, mas são obrigados a respeitar”. Ressaltando que, o respeito, não significa concordar com todas as pessoas, ele significa não ofender nem discriminar alguém por causa de suas escolhas, independentemente de cor, sexo, religião, opção sexual, etc.

A escola trabalha com o tema em questão, mas de maneira ainda superficial, sendo necessário contextualizar melhor os encaminhamentos metodológicos para



que atinjam de maneira mais eficiente os alunos e atinjam um bem maior, o respeito ao próximo e a redução dos casos disciplinares na escola.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A indisciplina é resultante dos acontecimentos que se apresentam em nossa sociedade, podemos perceber ações indisciplinadas nas ruas, nos telejornais, etc. e uma realidade no interior das escolas contemporâneas. Entretanto, não pode ser considerada apenas como reflexo da sociedade. Muitas manifestações de indisciplina na escola estão diretamente ligadas às questões pedagógicas e a postura dos profissionais envolvidos. Encaminhamentos desinteressantes das aulas, postura dos profissionais ou sua ausência, incoerência da Proposta Pedagógica, falta de conhecimento sobre adolescência, desmotivação, entre outros, incitam a indisciplina no aluno.

Contudo, o ponto mais crítico neste estudo foi identificar que o setor pedagógico, responsáveis por direcionar o trabalho e que poderiam auxiliar no enfrentamento dessas questões são os mais ausentes. Ausência essa por falta de segurança, conhecimentos acerca dos anos finais do Ensino Fundamental e, pelo perfil de alguns que não possuem para trabalhar com essa faixa etária. A Direção da escola também tem sua parcela de responsabilidade, ao não identificar esse fato, deixa de auxiliar os pedagogos na articulação do trabalho pedagógico.

Constantemente ouvimos os pedagogos dizerem que após a unificação das funções de Orientador e Supervisor Escolar em Pedagogo, o papel do pedagogo passou a ser o de “apagar incêndios”. Porém, na unidade observada há duas pessoas responsáveis por cuidar das questões disciplinares além das pedagogas, desempenhando o papel de Mediador Escolar. Então o que falta para as pedagogas desempenharem sua função?

Contudo, o ponto mais crítico nas observações foi em relação às poucas intervenções realizadas pelo setor pedagógico nos encaminhamentos de aula de alguns professores. Ficou evidente o quanto o trabalho dos pedagogos no interior da escola pode favorecer o trabalho dos professores em sala, logo, com a disciplina. Pois é função do pedagogo identificar as características da comunidade escolar,

diagnosticar a realidade e propor formas de atuação que viabilizem a constante melhoria no processo de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, JULIO G. (org). **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento.** São Paulo: Summus, 1996.

AQUINO, JulioGroppa (org) – **Indisciplina na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas.** São Paulo, Summus, 1996.

AQUINO, JulioGroppa – **Indisciplina: o Contraponto das escolas democráticas.** São Paulo, Ed. Moderna, 2003

BUENO, SILVEIRA. **Minidicionário da Língua Portuguesa.** 2 ed. São Paulo: FTD, 2007.

D'ANTOLA, Arlette (org) – **Disciplinana escola: autoridade versus autoritarismo.** São Paulo: EPU, 1989.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo.** Cad. Pesqui. [online]. 2002, n.115, pp. 139-154. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-5742002000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-5742002000100005&lng=pt&nrm=iso)

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying. Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** Campinas: VERUS, 2005.

GARCIA, Tânia Maria F. Braga. **A riqueza do tempo perdido.** Educ. Pesqui. [online]. 1999, vol.25, n.2. pp. 109-125. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97021999000200009&lng=pt&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97021999000200009&lng=pt&nrm=isso)

GOTZENS. Concepción. **A disciplina escolar: prevenção e intervenção nos problemas de comportamento.** Trad Fátima Murad. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HAGUETTE, T. M. **Metodologias Qualitativas na Sociologia.** Petrópolis: Vozes, 1987.

JORGE, Sonia R. de M. **Caderno Pedagógico Violência na Escola: Construção Coletiva de um Plano de Intervenção.** Fascículo I. NRE – Wenceslau Braz. UEPG. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/34-2.pdf>

LA TAILLE, Yves. **A indisciplina e o sentimento de vergonha.** In: AQUINO, JúlioGroppa (org.) **Indisciplina na escola.** Alternativas teóricas e práticas. 13ª edição. São Paulo: Summus, 1996.

- LA TAILLE, Yves. **Limites: três dimensões educacionais**. São Paulo: Ática, 2001.
- LIMA, Cristina Maria Garcia de et al. **Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão**. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, jan. 1996. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11691996000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691996000100003&lng=pt&nrm=iso).
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Métodos de Coleta de Dados: observação, entrevista e análise documental**. In: Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MOROZ, Melania e GIANFALDONI, Mônica Helena T. A. **Coleta de dados e Interpretação dos dados**. In: MOROZ e GIANFALDONI. O Processo de Pesquisa: Iniciação. Brasília: LiberLibro Editora, 2006, p. 83-110.
- MONROE, Camila. Apertar o passo. Já **Revista Nova Escola**. Edição 239, Janeiro/Fevereiro 2011. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/avaliacao/acesso-escola-melhorou-desafio-agora-qualidade-618018.shtml?page=0>
- REGO, Tereza Cristina. **O papel dos educadores na disciplina escolar**. IN: Pátio, FNDE, Porto Alegre, Ano XI, n.42, maio/junho 2007.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.
- TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educ. Pesqui.[online]. 2005, vol.31, n.3, pp. 443-466. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022005000300009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000300009&lng=pt&nrm=iso)
- UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Situação Mundial da Infância**. Nova Iorque, NY, 2000.
- VALA, Cleuza L. dos S. Caderno Pedagógico **Indisciplina: um diálogo entre professores e pais para estabelecer ações pedagógicas e resolver o problema da indisciplina na escola**. NRE - Cornélio Procópio. UEL. Disponível em [http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/md\\_cleuza\\_luiza\\_santos.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_cleuza_luiza_santos.pdf)
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Afetividade, Cognição e Resolução de Conflitos no Espaço Educativo**. *Temas em Educação III*. Curitiba: Futuro, 2004, p. 135 –143.
- \_\_\_\_\_. **Disciplina e indisciplina como representações na educação contemporânea**. In: LEITE, R. L. (2003). *Formação de Professores: desafios e perspectivas*. São Paulo: Unesp, p 465 – 479.
- \_\_\_\_\_. **(In) Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 15ª Ed. São Paulo: Libertad Editora, 2004.

VIANA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Plano Editora, 2003.

ZAGURY, T. **Limites sem trauma**. 23ªed. Rio de Janeiro: Record, 2001.